Ex Libris

Manoel Albano Amora

Existe uma arte de amar os livros, como pretende Eduardo Frieiro. (1)

O amor, sentimento universal, não pode ser passivo, omisso, negligente. O dinamismo do amor se manifesta através de palavras e gestos. Frases e atitudes transmitem o calor que empolga a alma do amante e tem como alvo ideal o ser amado.

Os homens amam Deus, a pátria, a família, a profissão, a casa, as paisagens, as músicas que falam de um passado feliz, as flores, os bens artísticos, a mulher, os livros...

Os livros são prestimosos companheiros. Oferecem conhecimentos e emoções. Contêm páginas de vida e de sonho.

Ninguém se encontrará em solidão se tiver um livro ao seu lado. O universo se desdobrará aos olhos desse pretenso solitário. De êxtases se povoará a sua alma.

O amar impõe o desvelo. Desvelo pelo livro belo ou bom. Cuidá-lo é, assim, como um dever. E com que ternura dele cuidam os que o amam! A condição de possuidor proporciona, às vezes, momentos admiráveis.

No mundo, onde transitam criaturas ávidas de lucro e de poder, encontram-se ainda idealistas. Alguns desses se deno-

(1) *Os Livros Nossos Amigos,* São Paulo, Emp. Edit. "O Pensamento", 1957, p. 7.

minam bibliófilos. São os enamorados dos livros, que nenhum dano causam aos seus semelhantes e grande bem fazem a si próprios.

Pelo amor dos livros, criaram os indivíduos o *Ex Libris.*

As palavras latinas *Ex Libris* significam "dos livros", "de entre os livros", "fazendo parte dos livros". (2)

O *Dicionário Portugal* esclarece: "Ex Libris: Por estas duas palavras latinas se designam certas vinhetas, etiquetas, com um nome, iniciais ou monograma, usados por alguns bibliófilos nos livros que possuem, e as quais são em geral colocadas na guarda interior do volume, isto é, no verso da pasta da frente. Consistem num pedaço de pele, ou mais vulgarmente de papel, tendo impresso o nome do possuidor do livro, acompanhado muitas vezes do seu brasão, de uma divisa ou de quaisquer ornamentos." (3)

Com uma síntese, Aníbal Fernandes Tomás os define: "Ex Libris: distintivos ou sinais de posse, gravados ou impressos e colados pelo bibliófilos ou corporações, nos seus livros." (4)

Como Deus, quando quer espalhar as grandes idéias (e certamente os judiciosos conceitos, também) acende o cérebro de um francês, segundo Vítor Hugo, é mister que seja transcrito o que sobre o *Ex Libris* disse A. Poulet-Malassis: "Il est consacré par l'usage et se dit de toute marque de proprieté apliquée à l'exterieur ou à l'interieur d'un volume. Dans un sens plus restreinte, il s'entend d'un motif d'art blason, monogramme, allegorie, emblème, etc., gravé en relief ou en creux, et fixé sur les gardes ou sur le titre d'un livre, en signe de possession." (5)

Ex Libris é uma etiqueta, desenhada, gravada ou impressa, contendo figuras e símbolos, de dimensões variáveis, que se colam na face interna da parte frontal de um livro, indicando a propriedade de pessoa cujos sentimentos e ideais revela.

---

(2) "*Ex Libris*", I.C.F., *Revista Genealógica Brasileira,* n.º 1, ano I, p. 87.
(3) *Cit.* n.º 3, ano II, p. 207.
(4) Id. id.
(5) Manoel Estêves. O *Ex Libris.* Rio de Janeiro, Gráfica Laemmert, 1956, p. 20.

Acompanha-a, geralmente, um dístico. Não tem, como o brasão, regras imutáveis. O brasão, símbolo de famílias privilegiadas ou de órgãos coletivos distintos, obedece a normas fixas, enquanto o *Ex Libris* reflete a vontade de quem o manda confeccionar.

É marca bibliográfica e sinal de bom gosto.

O *Ex Libris* tem existência multissecular, conforme o ensinamento de um especialista. Os seus aficionados eram, em outros tempos, os nobres, os antigos senhores do mundo, da vida e da felicidade.

A Alemanha, berço de Savigny e de Goethe, conheceu o primeiro *Ex Libris,* que foi desenhado pelo pintor e gravador Albert Dürer (†1528), para Bilibald Pickheimer. (6)

Nas venerandas nações da Europa, França, Alemanha, Inglaterra, Áustria, Itália, Holanda, Espanha, Portugal, as de cultura mais requintada, e depois na jovem América, expandiu-se o uso das vinhetas artísticas.

Primitivamente, todos os *Ex Libris* foram heráldicos. Em época recuada e não de todo memorável, somente os *enfants dorés* da aristocracia possuíam livros. A invenção da imprensa por Gutenberg estendeu esse direito a fidalgos e plebeus. A partir de então, a composição plástica do *Ex Libris* inspirou-se na liberdade de forma e de conceito, de acordo com a psicologia do dono. A arte, que existia para proveito de uma classe, tornou-se acessível, democrática e popular. (7)

A livre manifestação do artista, em harmonia com os desejos do proprietário do *Ex Libris,* tem favorecido o aparecimento de várias espécies dessa etiqueta, como sejam, *falantes, históricos, profissionais, humorísticos e religiosos.* (8)

Brasão do espírito, chamou-lhe o poeta Jules de Marthold, em versos preciosos:

Ex Libris, *blason de l'esprit*
Subtile, petite gravure
Ou tout vrai philosophe ecrit

(6) *Op. cit.*, p. 48.
(7) Francisco Botey, in *Gazeta de Notícias,* Rio, 7-5-50.
(8) *Loc. cit.*

Malgré ta modeste envergure,
Sa pensée en literature,
Ses gouts, vaste arc-en-ciel d'Iris,
De plus gros livre à la brochure,
Blason de l'esprit, Ex Libris.

Brasão dos nossos tempos igualitários, é como o vê Lambert. (9)

Notáveis figuras da humanidade têm, em toda parte, usado *Ex Libris.* O autor de *Legendes des Sciècles,* na Cidade Luz, possuiu o seu, em que figurou uma imagem do famoso templo católico que ele imortalizou, a Igreja de Nossa Senhora. O Barão do Rio Branco, Eduardo Prado, Joaquim Nabuco, Osvaldo Cruz, e muitos outros, no nosso país, ornaram os seus livros com esses desenhos. O de Rio Branco compõe-se de uma paisagem marinha, circundada de palmas e encimada pelo lema — *Ubique Patria Memor.* Os de Eduardo Prado e de Joaquim Nabuco, semelhantes, são livros abertos, contendo numa página o monograma e, na outra, o nome do possuidor. Mas, Nabuco possuiu um outro, representado pelo touro alado. No de Osvaldo Cruz, sem grande beleza, a inscrição é — "Fé Eterna na Ciência".

Vasta literatura exlibrista vem enriquecendo, há centúrias, as bibliotecas, nas cidades cultas. Citam-se, como livros e opúsculos, dentre outros: *Le Ex Libris Français,* de H. Poulet-Malassis, *L'Ex Libris et les Marques de Possession du Livre,* de Henri Bouchot, *Le Ex Libris,* de Edmond des Robert, *A Guide to the study of Book-Plates,* de John Byrne Leicester Warren, *English Book-Plates,* de Egerton Castle, *3500 Ex Libris italiani,* de Jacopo Gelli, *Die Deutschen,* de Frederick Warnecke, *Exlibris y Exlibristas,* de Francisco Esteve Botey, *Notícia dos Ex Libris Portugueses,* de M. A. Ferreira da Fonseca, *Ex Libris Ornamentais Portugueses,* de Aníbal Fernandes Tomás e *Os Ex Libris Brasileiros,* de Felipe Neri de Siqueira e Silva. Livro formoso e utilíssimo, no Brasil, é o de Manoel Estêves, *O Ex Libris.*

---

(9) "Ex Libris", I. C. F. *Revista Genealógica Brasileira,* n.º 1, ano I, p. 87.

Várias revistas especializadas circulam em adiantados centros europeus, notadamente *Ex Libris* e *Almanaque de Ex Libris,* em Paris, *Revista Ibérica de Ex Libris,* em Barcelona, Arquivo Nacional de *Ex Libris,* em Lisboa.

Há, na França, a Association Française de Collectionneurs de *Ex Libris* e, no Brasil, a Sociedade de Amadores Brasileiros de *Ex Libris.*

No Rio de Janeiro, teve lugar, há anos, a 1.ª Exposição Brasileira de *Ex Libris.*

Se se colecionam selos, moedas, medalhas, imagens, louça antiga, armas, dicionários, por que não se estimar a reunião de peças, minúsculas e sedutoras, que servem para marcar livros?

Cearenses ilustres, possuidores de *Ex Libris,* foram, no passado, Antônio Sales, Gustavo Barroso, Mário Linhares e Augusto Linhares, e são, no presente, Carlos Studart Filho, Cruz Filho, Martins d'Alvarez, Carlos Sudá de Andrade, Faustino Nascimento, Martins Capistrano, Eduardo Campos e Sinhá d'Amora.

Convém que sejam relembrados, em breve descrição, alguns dos desenhos que eles mandaram executar para seu uso.

O *Ex Libris* de Antônio Sales, que figura em *Águas Passadas,* representava um coração tendo por suportes duas mãos, uma de homem e outra de mulher, a dele e a de sua consorte D. Alice, certamente, e, abaixo, uma quadra de Alberto de Oliveira sobre esse órgão da circulação e do sentimento.

O de Gustavo Barroso, constante de *Pergaminhos,* reproduzia uma personagem medieval postada em faustoso abrigo.

O de Augusto Linhares figurava um gigante realizando grande esforço e caminhando sobre terreno acidentado. Circundavam-no duas serpentes.

O de Eurico Facó possuía motivos referentes à nossa terra, o mar, a praia, a jangada, uma fortaleza e a palavra "Ceará" como uma espécie de timbre.

O de Cruz Filho é a fotografia de uma estátua célebre representativa de uma cena de amor, com o lema *Divina me aut devoraberis.*

O de Martins d'Alvarez é uma ave em vôo.

O de Faustino Nascimento recorda uma paisagem brasileira, em que aparece um índio, tendo ao alto uma frase dirigida ao Homem.

No de Martins Capistrano vê-se uma dama adormecida na leitura de um livro.

No de Sinhá d'Amora, desenhado por Alberto Lima, há uma vista praiana de Fortaleza, a que foram adicionados um vulto nu de mulher e uma palheta.

Não foram revelados os de Mário Linhares, Carlos Studart e Eduardo Campos.

O universal e o regional inspiraram esses *Ex Libris* de filhos da Terra da Luz. Sem dúvida, porém, o regional predominou. Na maioria deles, há uma expressão telúrica, aliás não estranhável, porque a lembrança do berço é uma constante na memória dos nascidos nesta província.

Nenhum artista alencarino foi, até o presente, relacionado entre os que desenham *Ex Libris*.

São poucas, mas expressivas, as marcas de livros dos nossos irmãos de raça lusitana e tupi.

Os literatos conterrâneos que possuem esses sinais, de valor sentimental indiscutível, com eles demonstram, de antemão, que integram o escol intelectual, porque o *Ex Libris*, "arte e miniatura", já o disse alguém, é "arte gentil". (10)

---

(10) Id. id.